

EDITORIAL

O dossiê “As mulheres em Aristófanes e sua recepção”, apresentado neste número da *Phoînix*, aborda o feminino na comédia de Aristófanes, seja pelo protagonismo das mulheres em *Lisístrata*, *Tesmoforiantes* e *Assembleia de mulheres*, seja pela presença ou menção de figuras femininas nas demais comédias aristofânicas e por sua recepção antiga e moderna.

O primeiro texto do dossiê, “*Lisístrata*, a obra ‘perfeita’ de um poeta maduro”, de Maria de Fátima Silva, professora catedrática da Universidade de Coimbra, apresenta três motivos para a afirmação do título. “Em primeiro lugar, aquele que é o mais visível e aparatoso, destinado a provocar o riso entre os espectadores menos exigentes, a massa popular, espontânea e ignorante: a feminilidade e o sexo.” No entanto, “o poeta estava atento à necessidade de responder a outro tipo de expectativa, daquele público que esperava da comédia uma proposta mais sofisticada”. Por isso mesmo é que “a peça inclui também um conteúdo político, focado na governação masculina da cidade e na decadência a que parecia condená-la”. Finalmente, “um terceiro motivo forte na peça é o conflito de género, tanto no plano doméstico, como no cívico”. Desse modo, “com *Lisístrata*, Aristófanes afirmava-se como criador maduro na arte cômica e poeta de qualidade, mas também como cidadão atento à realidade da Atenas do momento.”

O segundo, “Género y afecto: la cólera feminino en *Lisístrata* de Aristófanes”, de Claudia N. Fernández, doutora em Letras pela Universidad Nacional de La Plata, docente (UNLP) e investigadora CONICET, analisa “la expresión, control, y evaluación de la cólera -un afecto femininos a los varones ciudadanos- en el marco de la feminino emocional de los personajes femininos de *Lisístrata*”, com o propósito de “determinar el modo en que su vida afectiva incide en la manipulación y tergiversación de las identidades sexuales inscriptas en la trama de esta comedia”.

Já o terceiro texto, “Sobre o ‘Ciclo *Lisístrata*’: uma breve contextualização”, de Luisa Buarque (PUC-Rio), doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, explica que “O ‘Ciclo *Lisístrata*’ foi concebido e organizado especialmente para o canal youtube da ‘Rede Brasileira de Mulheres Filósofas’”, e que se trata “de um conjunto de três entrevistas

com tradutoras da *Lisístrata* de Aristófanes para o português, precedidas de uma introdução à peça cômica e às questões envolvidas em sua recepção”. As entrevistadas são: Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Adriane Duarte (Universidade de São Paulo) e Ana Maria César Pompeu (Universidade Federal do Ceará).

O quarto, “Revisão de *Lisístrata* na contemporaneidade: possibilidades e limites da crítica”, de Jane Kelly de Oliveira, professora no Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, põe em discussão “a importância de se revisarem as leituras dos textos da antiguidade, a partir de ganhos teóricos da atualidade”. Pela análise do espaço cênico de *Lisístrata* de Aristófanes, demonstra que “a greve de sexo tem uma função conservadora em tal comédia, mas que as abordagens teóricas modernas, principalmente os estudos críticos que observam os grupos subalternos como constituintes da história”, possibilitam a percepção de que “os papéis sociais das mulheres na antiguidade são maiores e mais importantes do que se quer fazer pensar”. Daí observa-se que “as recepções filmicas *A fonte das mulheres* e *Chi-raq* exploram elementos que já aparecem em *Lisístrata*, expandem a discussão para o contexto moderno e, ao mesmo tempo, lançam luz ao texto do passado”.

Por sua vez, o quinto texto, “As mulheres e seu espaço de atuação em *Lisístrata* de Aristófanes: ressonâncias em *A fonte das mulheres* (2011) de Radu Mihaileanu”, de Greice Drumond, professora adjunta da Universidade Federal Fluminense, expõe que “em *A fonte das mulheres* (2011), as moradoras de um vilarejo rural, em algum lugar da península arábica na fronteira com o norte da África, querem o fim da tradição do trabalho feminino de pegar água em uma fonte que fica no alto de um monte. Para isso, fazem uma greve de sexo, nos moldes da peça *Lisístrata* (411 a.C.) de Aristófanes”. O artigo destaca “o espaço de atuação próprio das mulheres em *Lisístrata*, em cotejo com duas outras peças aristofânicas, *Tesmoforiantes* (411 a. C.) e *As mulheres no Parlamento* (392 a.C.), e o ambiente das muçulmanas na adaptação cinematográfica”. Analisa “as escolhas feitas pelo diretor que ligam o filme à *Lisístrata* e as que atualizam a peça para a contemporaneidade em sua incursão pelo universo das mulheres em uma região islâmica periférica através da ótica do movimento feminista”.

Em seguida, o sexto, “Fiando, tramando e tecendo a paz em *Lisístrata*, *Tesmoforiantes* e *Assembleia de mulheres*”, de Solange Maria Soares

de Almeida, doutora em Letras, pela Universidade Federal do Ceará, destaca os discursos das mulheres nas três peças femininas de Aristófanes, esmiuçando sua relação com a tecelagem e a paz. Observa que “a mulher aristofânica consegue desvencilhar-se de suas obrigações sempre que necessita, não cabendo, de forma alguma, no estereótipo da mulher calada e obediente, sendo pelo contrário astuciosa, engenhosa e capaz de criar mil artimanhas”, com o propósito de conseguir o que almeja”, mesmo que esse desejo seja pôr fim a uma guerra ou tomar o governo da cidade”.

O sétimo e último texto, “Valentina vai além: a voz do tradutor em *Assembleia das mulheres* de Aristófanes”, de Ana Maria César Pompeu, professora titular da Universidade Federal do Ceará, apresenta *Assembleia das Mulheres* (393/2 a.C.), a décima peça que nos chegou de Aristófanes, a primeira do século IV a.C., com modificações formais importantes em relação às comédias do século V a.C. Em português, há duas traduções mais conhecidas dessa peça: uma em Portugal, de Maria de Fátima Silva, *As mulheres no parlamento* (1988), e outra no Brasil, de Mário da Gama Kury, *A revolução das mulheres* (1988/1964). São analisadas “as duas traduções com ênfase na atuação de Valentina, que continua em cena e atua na conclusão da peça, na versão de Mário da Gama Kury, que relê e reescreve o texto de Aristófanes, no qual a protagonista é retirada da cena final”.

O dossiê “As mulheres em Aristófanes e sua recepção”, escrito por sete mulheres, comprova a importância das releituras das comédias de Aristófanes para a revisão dos mais diversos temas no mundo antigo e na atualidade, em especial da temática feminina em sua relação com a cidade/comunidade.

Os outros dois artigos que compõem este número são livres. Peter Stewart, em “A tecnologia do Naturalismo Clássico em imagens religiosas antigas?”, defende que as formas características do naturalismo greco-romano, desenvolvidas na Grécia arcaica e clássica e, em linhas gerais, herdadas pelo mundo romano, podem ser coerentemente vistas como um tipo de “tecnologia” artística na qual a imagética religiosa incrementa a eficácia da imagem de culto como representante de um deus. O autor continua ressaltando que isso é válido mesmo para o período romano, no qual a herança dos estilos e padrões gregos tornou-se uma linguagem altamente convencional e conservadora para a representação religiosa. Já Lourdes M. G. Conde Feitosa e Daniel Roberto Duarte Granetto (*in memoriam*) refletem

sobre as “Representações do conceito ‘pão e circo’ em Roma e no Brasil: um estudo comparativo”, avaliando as diferentes apropriações desse conceito por mídias atuais brasileiras e comparando-as com o sentido dessa suposta política nas representações latinas e historiográficas. Para tanto, mediante uma abordagem qualitativa, foram utilizados os procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental. Esta é composta por textos de Sêneca, Tácito e Juvenal. Além disso, foram analisadas cinco matérias veiculadas em sites eletrônicos de notícias, uma de cada canal selecionado, no contexto da Copa do Mundo de 2018, sendo três editoriais (“Manaus Alerta”, “Terra”, “Causa Operária”) e dois artigos de opinião (dos jornais *Gazeta do Povo* e *El País*). Os autores verificam como cada matéria se apropriou e construiu significados para o *panem et circenses*.

À Faperj, um agradeciemento especial pelo apoio financeiro ao presente número da revista.

Por fim, convidamos os estudiosos do mundo antigo, bem como o público em geral, para uma leitura proveitosa e propositiva dos artigos que compõem este número da *Phoênix*.

Ana Maria César Pompeu (UFC) e os Editores